

O ESPARTILHO E A ARTE DE TECER EQUÍVOCOS

Lyvia de Oliveira SILVESTRE¹

Prof MSc Rafael Henrique ANTUNES²

RESUMO

O artigo explora como as representações artísticas, especialmente em obras audiovisuais, moldam nosso entendimento cultural e histórico. Focando no espartilho como símbolo, são discutidas sua representação no cinema como metáfora de opressão feminina, a necessidade de contextualizar produções para evitar distorções históricas e de que formas o audiovisual pode perpetuar clichês e estereótipos. Além disso, a discussão se amplia para questionar como os meios de comunicação influenciam e são influenciados por interesses sociais e econômicos, frequentemente reforçando visões hegemônicas e limitadas. O texto é um convite à reflexão crítica sobre as narrativas artísticas, como maneira de promover uma compreensão mais diversificada e autêntica da sociedade.

PALAVRAS – CHAVE: Espartilho, corset, audiovisual, cinema, clichê.

1. Introdução

Muito do que sabemos sobre o passado e a nossa cultura foi construído em nosso imaginário através de representações artísticas, sejam elas contemporâneas aos acontecimentos ou não. Porém, toda obra existe dentro de um contexto, assim, é preciso considerar a possibilidade de que seja parcial ou equivocada.

Conhecer o passado evita distorções e propicia abordagens mais enriquecedoras dos temas discutidos, por isso, é fundamental compreender a história por trás de cada ideia antes de apenas perpetuá-la.

Contextualizar as produções artísticas nos ajuda não apenas a entender as influências culturais, políticas e sociais que as permeiam, como a reconhecer diferentes visões e representações do mundo. O estudo da história levanta reflexões sobre as relações entre arte e sociedade, ampliando a nossa compreensão sobre o papel da arte e a sua importância na construção da identidade cultural de um povo.

¹Graduanda do curso de Arte pelas Faculdades Integradas Regionais de Avaré (FIRA) – Avaré – São Paulo – Brasil – 18700-902 – lyosilvestre@fira.edu.br

²Professor do Departamento de História das Faculdades Integradas Regionais de Avaré (FIRA) – Avaré – São Paulo – Brasil – 18700-902 – prof.rafael@fira.edu.br

O espartilho, como recurso narrativo no cinema, frequentemente simboliza as restrições e as expectativas impostas às mulheres em diversas épocas. Sua presença em filmes e séries históricas muitas vezes serve para ilustrar a opressão e os sacrifícios que as protagonistas enfrentam. Ao mostrar o ato de vestir ou despir um espartilho, as narrativas exploram não apenas a luta física, mas também a luta emocional e social das personagens. Essa representação torna-se uma metáfora para a opressão feminina, destacando como normas sociais podem moldar e limitar a vida das mulheres.

Porém, será que as abordagens do uso da peça realmente são historicamente acuradas? E será que o espartilho é realmente a melhor escolha para representar a opressão feminina ou essa é uma escolha fruto da própria opressão?

2. O espartilho no audiovisual

De acordo com a bacharel em moda Caroline Serrão (2013), o espartilho é uma peça de vestuário que evoluiu a partir de seu uso inicial como corpete, atuando como roupa de baixo no vestuário feminino. Originalmente, sua função era dar sustentação e proteção ao busto. No entanto, no início do século XVI, com a expansão das ideias renascentistas, o espartilho se transformou em um elemento essencial do vestuário, influenciado pelo culto crescente ao corpo e novos padrões de beleza. Assim, o espartilho evoluiu de um simples corpete a uma peça mais complexa, estruturada e alongada que definia a silhueta de homens e mulheres, estabelecendo-se como um componente importante do vestuário.

Os espartilhos são acessórios emblemáticos em diversas obras audiovisuais. Em filmes como "E o Vento Levou" (1939), a cena em que Scarlett O'Hara é apertada em um corset ilustra a pressão para se conformar aos padrões de beleza da época, bem como as limitações impostas às mulheres em termos de liberdade e autonomia. Outro exemplo memorável é a obra "Piratas do Caribe: A Maldição do Pérola Negra" (2003), na qual Elizabeth Swann desmaia ao ser asfixiada por um corset excessivamente apertado.

Conforme colocado por De Jesus (2008), o cinema é, além de um meio de comunicação, uma "linguagem composta de linguagens": a construção de uma cena envolve diversos elementos - como o ângulo da câmera, o diálogo e o figurino - para passar uma mensagem.

Isso fica bastante evidente em "Titanic" (1997). No filme dirigido por James Cameron, a protagonista Rose DeWitt Bukater começa sua jornada com um destino ligado aos valores tradicionais e seu figurino é utilizado como metáfora para as pressões sociais vividas por ela. A cena em que sua mãe ajusta o corset de Rose é um perfeito exemplo: enquanto aperta a peça,

ela proíbe a filha de continuar se encontrando com Jack, seu interesse romântico. Dessa forma, a compressão física simboliza a pressão emocional que a própria família exerce sobre a protagonista. E, à medida que Rose se liberta das amarras sociais ao longo do filme, ela também muda o modo de se vestir.

Fig. 1 – corset como metáfora de restrição



Fonte: Titanic (1997).

Essas interpretações dramáticas dos corsets em obras audiovisuais podem ser vistas como um reflexo do desejo dos criadores de mergulhar o público em uma experiência emocional intensa, mesmo que isso signifique distorcer ou simplificar a realidade histórica.

Uma polêmica recente em relação a isso ocorreu devido ao uso da peça em *Bridgerton* (2020), série estadunidense produzida pela Shondaland e lançada pela plataforma de streaming Netflix, que adapta os romances de Julia Quinn.

Após o fim das gravações da segunda temporada, a atriz Simone Ashley relatou em uma entrevista que a vestimenta lhe causou muita dor e a fez, inclusive, passar mal. Porém, é importante citar que o espartilho foi utilizado de forma bastante imprecisa durante a obra.

A historiadora da indumentária, Pauline Kisner, explica em seu canal do YouTube “A Modista do Desterro”, que, antes de se colocar o corset, era comum o uso da chemise, uma peça de roupa essencial na moda histórica. A chemise, geralmente feita de linho ou algodão, servia como uma camada de proteção entre o corpo e o corset, absorvendo suor e óleos naturais da pele. Essa prática ajudava a preservar a higiene e a longevidade do corset, evitando que ele fosse diretamente exposto a substâncias que poderiam danificar seus materiais. Além

disso, a chemise proporciona um nível adicional de conforto, evitando atritos e irritações causadas pelo contato direto do corset com a pele. Assim, seu uso era um passo fundamental no processo de vestimenta, garantindo tanto a funcionalidade quanto a preservação das peças de vestuário mais elaboradas. Não se usava o corset diretamente sobre a pele, o que difere do que é mostrado em muitas narrativas audiovisuais, inclusive *Bridgerton*.

Fig. 2 – corset vestido de maneira errada



Fonte: episódio um da primeira temporada de *Bridgerton* (2020).

2.1 A sátira do feminino

Conforme mencionado por Michelle Honig em seu artigo publicado na revista *Bustle*, embora a prática de apertar o espartilho de forma extrema - um método conhecido como *tight-lacing* - tenha se tornado brevemente popular durante a era vitoriana, essa tendência não foi tão difundida e nem prevaleceu ao longo de todos os períodos históricos. Contudo, apesar da sua adoção ser limitada, essa prática serviu como inspiração para uma série de artigos satíricos que ajudaram a perpetuar e solidificar as percepções comuns sobre os espartilhos serem intrinsecamente "antinaturais" e "opressivos".

Fig. 3 – gravura de 1830



"Uma visão correta da nova máquina para dar corda às mulheres" por T. McLean.

Porém, essas sátiras não ocorreram unicamente com essa peça de roupa, mas sempre foi comumente realizada a respeito da moda feminina, como ressaltado por Karolina Żebrowska, mestre em cinema, em seu vídeo “Como os homens vitorianos nos ensinaram a odiar espartilhos” (2020).

Fig. 4 – gravura de 1829



Estranhezas Modernas, por P. Pry Esq., Placa 1ª

Portanto, ao analisar qualquer objeto cultural, é essencial reconhecer que as muitas ideias do senso comum foram construídas a partir de um viés. Assim, uma abordagem crítica e baseada em evidências é fundamental. Ao considerar uma variedade de perspectivas, podemos desenvolver uma compreensão mais equilibrada e informada sobre a história, a arte e a sociedade.

2.2 Supressão ou sustentação

Explorar os estudos da arte implica não apenas em compreender objetos culturais como elementos estéticos, mas também em reconhecê-los como reflexos de normas sociais, mitos e equívocos que permeiam sua história.

O artigo intitulado "The History Of Corsets Is More Complicated Than You Probably Think" destaca a importância de compreender a complexidade envolvida na história dos espartilhos. Neste texto, a jornalista Michelle Honig relata o ponto de vista da especialista em moda Sarah Woodyard. Além do seu conhecimento teórico no assunto, Sarah usa espartilhos que são historicamente precisos como uma parte essencial do seu trabalho diário, dedicando suas jornadas profissionais a explicar para os visitantes sobre como era viver nas colônias americanas nos tempos passados. A rotina diária dela com essa peça, muitas vezes, se estende por até 18 horas e inclui o uso de modelos oriundos das mais variadas épocas históricas diferentes.

Descobri que muitas vezes eles ajudam no meu dia. E esse apoio para as costas realmente me ajuda a não ter dores nas costas no final do dia. Lavei roupa e cozinhei como no século XVIII. E quando você precisa pegar baldes pesados de água ou dobrar e mover objetos pesados [o suporte do espartilho] é realmente útil. (Woodyard, 2017 apud Honig, 2015)

O que demonstra a importância de se considerar as diferentes perspectivas e narrativas que estão associadas a essa peça específica de vestuário. Ao fazer isso, é possível obter uma compreensão muito mais abrangente e detalhada sobre seu significado cultural e social dentro do contexto no qual está inserida.

Fig. 5 – anúncio de 1880



Fonte: The Independent Record of Helena.

2.3 A saúde feminina

Muitas obras criticam o corset como uma manifestação do patriarcado, retratando-o como um símbolo de opressão feminina. No entanto, o estigma de que o corset é prejudicial à saúde das mulheres muitas vezes decorre do viés misógino presente na medicina do século XIX. Em vez de investigar adequadamente as causas das doenças femininas, os médicos da época frequentemente culpavam as vestimentas das mulheres. Gabrielle Jackson (2020), em "Pain and Prejudice", argumenta que o viés masculino nos ensaios médicos resultou em uma compreensão equivocada dos problemas de saúde das mulheres, desvalorizando a necessidade de estudos mais aprofundados e específicos para elas.

Conforme observado por Fernandes (2021), uma grande parte das informações relacionadas aos supostos danos atribuídos ao uso de espartilhos está fundada em dados que são insuficientes ou foram interpretados de maneira equivocada. A narrativa popular que romantiza os efeitos prejudiciais dos espartilhos frequentemente não resiste a um exame mais profundo e crítico das fontes históricas disponíveis.

Contrariamente à crença popular, evidências indicam que o impacto dos espartilhos na saúde das mulheres foi menos prejudicial do que se pensava anteriormente. Um estudo antropológico focado em analisar esqueletos de mulheres provenientes especificamente da Inglaterra e da França nos anos 1800 – quando os espartilhos estavam no auge de sua popularidade - revelou que as usuárias regulares desses acessórios tinham uma expectativa de vida elevada para a época (Gibson, 2023). Esses achados sugerem uma realidade diferente

acerca dos efeitos negativos associados ao uso prolongado de espartilhos.

Os próprios espartilhos [que sobreviveram para serem exibidos na V&A] contam uma história diferente: uma história de serem usados com frequência e bem, mas manuseados com cuidado e usados por anos, algo que seria menos provável se eles fossem mais apertados do que suas armações permitiam. (Gibson, 2023)

Antigamente, muitos problemas de saúde - como febre puerperal, tuberculose e câncer de mama - eram erroneamente atribuídos ao uso de corsets. No entanto, com o tempo e o avanço da medicina, ficou claro que essas atribuições eram incorretas. Como destacou Gerhart S. Schwartz em um artigo de 1979 no Boletim da Academia de Medicina de Nova York, “uma doença após outra encontrou explicações que não estavam relacionadas ao corset.”

No que diz respeito às deformações observadas nos esqueletos, Gibson sugere que a combinação de diversas condições relacionadas à desnutrição, como o raquitismo, pode ter desempenhado um papel significativo na manutenção da flexibilidade dos ossos mesmo durante a idade adulta. Ela também destaca que uma deficiência em vitamina D foi capaz de atingir indivíduos pertencentes a todas as classes sociais e não apenas aqueles com recursos econômicos limitados para adquirir alimentos adequados. Isto se deve ao fato de mulheres das classes mais altas frequentemente evitarem expor-se diretamente aos raios solares e usarem vestimentas cobrindo grande parte do corpo até por volta do início do século XX. Além disso, Gibson enfatiza outro ponto importante: as mulheres muitas vezes começavam a usar espartilhos em idades bastante jovens; nessa fase da vida os seus ossos ainda estavam passando pelo processo crucial de desenvolvimento e eram relativamente maleáveis.

Figura 5 – anúncio de 1886

GOOD SENSE CORSET WAISTS

THE GOOD SENSE WAIST IS BEST FOR ALL OF US
IT FITS SO EASY
SHAPES IS JUST ELEGANT
THE BUTTONS DON'T PULL OFF

No. 212 No. 219 No. 210 No. 217 No. 213

BEST FOR HEALTH, COMFORT, WEAR AND FINISH.
MADE OF BEST MATERIAL THROUGHOUT. PERFECT IN FIT.

Style 212 for Infants.
Style 213 Children 4 to 8.
Style 219 or 216 Misses 7 to 12.
Style 217 Misses 13 to 17.
Style 210 for Ladies.

Buttons front instead of clasps. "GOOD SENSE."
23" Be sure your Corset is stamped

FOR SALE BY **BLOOMINGDALE BROS.** and all other first-class Retailers everywhere.
FERRIS BROS. Manufacturers, 81 White St., New York.

3. Além do espartilho

“Se o cinema é arte, é igualmente indústria” (Silva, 2008). Ao longo deste artigo, houve um enfoque no espartilho como recurso narrativo e fato histórico, mas é importante que a discussão sobre representações apuradas não se limite a essa peça de roupa. Muitos são os símbolos que se consolidam e repercutem repetidamente. Isso ocorre ora pela familiaridade que imprimem, ora para a construção intencional de uma perspectiva enviesada.

Não só os tipos de música de dança, de astros e *soap operas* retornam ciclicamente como entidades invariáveis, quanto o conteúdo particular do espetáculo, aquilo que aparentemente muda, é, por seu turno, derivado daqueles. Os pormenores tornaram-se fungíveis. [...] clichês, salpicados aqui e ali, sendo cada vez subordinados à finalidade que o esquema lhes atribui. Estão ali para confirmar o esquema, ao mesmo tempo em que o compõem. Desde o começo é possível perceber como terminará um filme, quem será recompensado, punido ou esquecido. (Adorno, 2002, p. 9)

Campos (2017) discute que os meios de comunicação em massa são fundamentais no avanço dos interesses de determinados grupos sociais, e que o cinema, dentro desse contexto, surge como uma ferramenta influente - já que é frequentemente visto como algo afastado da realidade. Essa separação facilita a inserção sutil de ideologias nas histórias contadas nos filmes, influenciando crenças e valores do público.

É importante considerar que os produtos da cultura de massa reforçam o sistema social e econômico vigente, por meio de narrativas que o mostram como única possibilidade, limitando o questionamento crítico (Silva Junior, 2019).

Além disso, o cinema muitas vezes perpetua o viés hegemônico sobre conflitos geopolíticos e culturais. Um exemplo é a representação do continente africano nas obras audiovisuais mais populares. Conforme pontuado por Melo (2012), muitos filmes estigmatizam a África, carregando diversos estereótipos, e apelam para a intervenção estadunidense ou europeia, como se o papel do “homem branco” fosse salvar esses povos de si mesmos.

Nessa análise, Melo cita desde filmes que se passam em guerras civis reais, como *Falcão Negro em Perigo* (2001) - que ganhou o Oscar de Melhor Montagem e é ambientado na Somália - até obras como *Star Wars: O Retorno de Jedi* (1983), em que essa retórica é direcionada a povos fictícios.

Dessa forma, é possível notar que os filmes são, de diversas formas - algumas mais explícitas que outras - vinculados ao contexto e às demandas sociais que ecoam em suas produções (De Jesus, 2008).

4. Considerações

O audiovisual é profundamente moldado por associações sociais preexistentes, refletindo símbolos e metáforas que, muitas vezes, se tornaram clichês. Esses elementos são repetidos em diversas produções, criando uma linguagem comum que pode facilitar a comunicação, mas que também corre o risco de empobrecer o discurso artístico.

Entretanto, a repetição dessas imagens e significados nem sempre se dá de forma neutra. Muitas vezes, esses símbolos estão carregados de interpretações enviesadas, que podem reproduzir estereótipos e narrativas limitadas. Quando nos restringimos a essas representações, perdemos a oportunidade de explorar camadas mais profundas e de resgatar histórias e contextos que são historicamente relevantes.

Portanto, é crucial adotar uma postura crítica e investigativa em relação à arte. Isso se aplica não apenas ao ato de consumir obras audiovisuais, mas também ao processo de criação e ao ensino dessas produções. Um olhar atento e questionador nos permite desconstruir preconceitos e ampliar nossa compreensão do mundo, propiciando um diálogo mais rico e diversificado com a arte e a cultura. É por meio dessa abordagem que podemos fomentar uma produção mais autêntica e inclusiva, capaz de refletir a complexidade das experiências humanas.

5. Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Disponível em: <https://filosofiaepatrimonio.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/04/theodor-adorno-indc3bastroia-cultural-e-sociedade.pdf>. Acesso em: 19 out. 2024.

CAMPOS, Abigail Ferreira. **A ideologia no cinema**. In: Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (CEPE)(ISSN 2447-8687). 2017. Disponível em: <https://www.anais.ueg.br/index.php/cepe/article/view/11046/0>. Acesso em: 23 out. 2024.

DE JESUS, Leandro Santos Bulhões. **DISCURSOS DE IMAGENS: REFLEXÕES ENTRE LINGUAGENS, IDEOLOGIAS E CINEMA**. 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/download/86045347/discurso_de_imagens.pdf. Acesso em: 22 out. 2024.

DIEGEL, Amanda. **Did corsets harm women's health?**. The New York Academy of Medicine Center for the History of Medicine and Public Health, 29 maio 2015. Disponível em: <https://nyamcenterforhistory.org/2015/05/29/did-corsets-harm-womens-health/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

FERNANDES, Priscila Nina. **Os contornos da intimidade e o uso do espartilho no Brasil (1889-1929)**. Universidade de São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-23072021-155238/publico/2021_PriscilaNinaFernandes_VCorr.pdf. Acesso em: 13 abril 2024.

GIBSON, Lucy. **Theorizing with incorrect data: A new look at the historical inaccuracies of the bioarchaeology of corsets**. Academia.edu, 2023. Disponível em: https://www.academia.edu/103661622/Theorizing_with_incorrect_data_A_new_look_at_the_historical_inaccuracies_of_the_bioarchaeology_of_corsets. Acesso em: 13 abril 2024.

HONIG, Michelle. **The History of Corsets Is More Complicated Than You Probably Think**. Bustle, 22 Novembro 2017. Disponível em: <https://www.bustle.com/p/the-history-of-corsets-is-more-complicated-than-you-probably-think-2779175>. Acesso em: 13 abril 2024.

JACKSON, Gabrielle. **Pain and prejudice**. London: Guardian Books, 2019.

KAROLINA ZEBROWSKA. **How Victorian Men Taught Us to Hate Corsets: The Biggest Lie in Fashion History**. YouTube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/zNwTqanp0Aw?si=WmDbZ2c5Nfr4fy0K>. Acesso em: 21 set. 2024.

MELO, Marcos Jose de et al. **Como se fossem insetos: África e ideologia no cinema contemporâneo**. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/handle/tede/6005>. Acesso em: 21 out. 2024.

MODISTA DO DESTERRO. **ESPARTILHOS BANIDOS EM BRIDGERTON? A verdade por trás da polêmica**. YouTube, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/r6IzBMksXi8?si=K07LmGEXpbfh3JzG>. Acesso em: 22 out. 2024

SCHWARZ, GS. **Society, physicians, and the corset**. Bull N Y Acad Med. 1979;55(6):551-90. Disponível em: <https://europepmc.org/article/MED/380699>. Acesso em: 5 jun. 2024.

SERRÃO, Caroline Roberta Vial. **Espartilho: das amarras do século XVI ao fetichismo**. Colóquio de moda. Cultura comunicação oral, 2013. Disponível em: www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202013/COMUNICACAO-ORAL/EIXO-3-CULTURA_COMUNICACAO-ORAL/Espartilho-das-amarras-do-seculo-XVI-ao-fetichismo.pdf. Acesso em: 21 out. 2024.

SILVA, Sílvio César. **Cinema, multidimensionalidade e ideologia**. Contemporânea (Título não-corrente), v. 6, n. 1, p. 83-93, 2008.

SILVA JUNIOR, Humberto Alves. **Indústria cultural e ideologia**. Caderno CRH, v. 32, n. 87, p. 505-516, 2019. Disponível em: www.scielo.br/j/crh/a/fvQJ8CRpyVb4jfQMGjWW4CD/?format=pdf. Acesso em: 21 out. 2024.

THE GUARDIAN. **The female problem: male bias in medical trials**. The Guardian, London, 13 nov. 2019. Disponível em: www.theguardian.com/lifeandstyle/2019/nov/13/the-female-problem-male-bias-in-medical-trials. Acesso em: 5 jun. 2024.